

Patologia política

Nelson Senise

ALGUÉM já disse que em nossa era o verdadeiro desajustado é o homem absolutamente normal.

A ironia da observação teria procedência se, de fato, em alguma época, houvesse um tipo assim, capaz de servir de padrão, em todos os sentidos, para toda a espécie.

Através dos tempos, o homem busca a perfeição, mas, preso às origens de sua condição animal, e paradoxalmente às indagações do condicionamento espiritual, dificilmente consegue, no curto espaço de uma vida, manter o equilíbrio entre o instinto e o ideal.

O mundo atual já viveu durante algum tempo dominado por três figuras que representavam a anormalidade psíquica — um paranóico (Hitler), outro sifilítico cerebral (Mussolini) e um maniaco-depressivo (Churchill).

A História acompanhou a clínica — saiu vitorioso o maniaco-depressivo, num quadro

Presidência da República. Respondeu como representante de seu estado, o Maranhão, classificando-o de pequeno demais do ponto-de-vista econômico e portanto sem influência suficiente para pretender tão elevada aspiração. Todos sabemos, porém, da influência política e cultural de um estado que tem nomes como Josué Montello.

Sarney foi objetivo e direto ao dizer que considerava uma imoralidade a tentativa de prorrogação de mandatos. Respondeu com equilíbrio, honestidade e sensatez a todas as questões, mesmo àquelas que se inseriam na área econômica e das quais demonstrava pouco conhecimento. Foi sobretudo honesto e elegante ao referir-se aos seus opositores políticos. O Governo pode orgulhar-se de possuir em seus quadros partidários um político tão equilibrado e sensato.

Infelizmente, para nós, que somos paulistas, a impressão causada pela entrevista do Sr Paulo Maluf foi diametralmente oposta. Logo ele, que representava ali o mais poderoso estado da União.

Clinicamente classificaríamos o Sr Paulo Maluf como um paranóico, com um nível de inteligência que pode ser sinônimo de esperteza. Portou-se ele como uma verdadeira engula, que escapulia a todas as questões com uma habilidade extraordinária. Não teve uma resposta franca, fugindo sempre pela tangente e com a agravante de que a sua entrevista fora gravada em videotape, o que não ocorreu com o Sr José Sarney, que falou ao vivo.

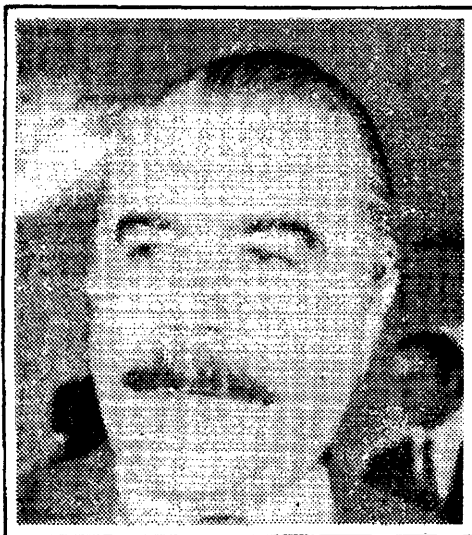
Lamentamos por São Paulo e pelo Brasil ter que sustentar a imagem de uma paranóia política em grau tão acentuado. Vemos com pessimismo os horizontes de nosso futuro político, caso persista a falsa liderança de outros tantos Malufs.

Enquanto o presidente nacional do PDS empenhou-se em encerrar com o máximo realismo a situação atual do país, o governador paulista tomou a iniciativa de colocar tonalidades róseas em todo o panorama da nossa crise, lançando mão de estatísticas intempestivas e pouco confiáveis para provar que tudo vai às mil maravilhas no Brasil. Para o Sr Maluf, nada mais natural do que a miséria e o desemprego num país que de certa forma tem evoluído em muitos setores de atividade. Subliminarmente, o Sr Maluf deixou claro ser adepto da tese de que dos pobres será o reino dos céus e que os bens terrenos não devem constituir preocupação para quem dispõe de tão enorme crédito do outro lado da vida.

Acompanho sempre os comentários dos observadores de real prestígio na imprensa carioca e paulista sobre as apresentações de políticos na TV. Está claro que a entrevista do Sr Maluf, pelo seu estilo pessoal, incon-

fundível, teria que absorver muito mais espaço que a do Sr Sarney, cujo compromisso, pelo que pude apreciar, parece ser apenas com a verdade.

Esses observadores foram unânimes em criticar e até mesmo desancar o Sr Maluf. Em contrapartida, praticamente omitiram-se em relação ao Sr Sarney. Ora, nós sabemos que a imprensa, por uma tendência natural de refletir a opinião pública, é mais propensa a destacar os defeitos dos poderosos do que as suas qualidades. Não vai nesta assertiva nenhum demérito a tão nobre profissão. O jornalista é um crítico da sociedade, de seu tempo, dos costumes. Acontece, porém, que, como no caso da entrevista criteriosa do Sr José Sarney, só ele é quem saiu perdendo com a falta de repercussão. Parece-me que, afora os registros lacônicos das seções especializadas, nada mais transpirou.



Sen. José Sarney

clínico aliás quase inerente à espécie humana, já que todos temos fases de depressão e euforia. E inteligentemente Churchill refugiava-se nos arredores de Londres e extravasava na pintura seus transe de depressão.

Estas considerações nos ocorrem diante do quadro que assistimos na televisão em dias diferentes: o Governador de São Paulo, Paulo Maluf, entrevistado pela Bandeirantes, e o Senador José Sarney, pela Globo.

Analisamos os dois sob o prisma clínico (somos apartidários) e pudemos observar uma diferença fundamental — a mistificação, o embuste, a paranóia, de um lado; e, de outro, a autenticidade, a verdade, o maniaco-depressivo num momento de equilíbrio.

Sarney demonstrou modéstia ao responder sobre a viabilidade de sua candidatura a



Gov. Paulo Maluf

Já o Sr Paulo Maluf, com a sua paranóia, a sua megalomania, a sua absoluta ausência de senso do ridículo, faturou um pouco mais de popularidade do que se tivesse feito um comício para a Juventude Malufista do Recife. Quem não o conhecia deslumbrou-se com a sua esperteza, a sua agilidade mental, a sua memória dirigida e as suas estatísticas pessoais. Quem já o conhecia, entretanto, ficou um pouco mais apreensivo com a extraordinária audácia desse político que, se teve o mérito de desmoralizar o esquema de nomeações de governadores pelo Planalto, agora está querendo desmoralizar o país inteiro com o esquema da "cara de pau", que ele, aliás, aceita "no bom sentido."